

## "DAS TRÊS TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO" EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA: UMA LEITURA EDUCATIVA

Maria dos Remédios de BRITO<sup>16</sup>  
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** *O presente trabalho busca fazer um estudo da seção "Das três transmutações"<sup>17</sup> na obra de Nietzsche intitulada Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém, a partir de uma perspectiva formativa.*

<sup>16</sup> Professora da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Baixo Tocantins (Abaetetuba).

<sup>17</sup> Sobre as três transmutações, Assoun diz que elas apontam para um processo que vai da "doença moral à liberdade e à cura. Neste percurso, o camelo simboliza o primeiro momento da doença que posteriormente é ultrapassado, para isso é fundamental uma mudança que se dê de maneira radical em que ele passa a ser leão, o "eu quero," que posteriormente aponta para a criança. A cura vem do peso mais pesado para a configuração da liberdade e desta à inocência e ao esquecimento" (1984, p.243). Bárbara Maria Lucchesi Ramarese faz uma interpretação interessante das três transmutações, que vale a pena ser transcrita. Cita-a: "Esse texto aponta para o sentido experimental da filosofia nietzscheana. As três transmutações do espírito são: 'como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança' cada uma dessas figuras remete ao mesmo tempo para um período históricos do Ocidente e para um momento existencial individual. O camelo é o espírito que carrega pesados fardos, é o espírito de peso [tal como aparece em o peso mais pesado] e de suportação, da resignação, aquele que sofredor e se descestra com suas dores, corresponde ao homem religioso, que se sente culpado por sua existência e crê em um Deus salvador para sua redenção, corresponde ao longo do período dominado pelo cristianismo. (...) O leão é o espírito que nega todos os valores constituídos, é o espírito de negação, só sabe dizer 'não' a tudo, mas ainda não sabe criar, não sabe dizer sim. O leão corresponde ao homem moderno que mata Deus e constrói o império da razão, da ciência, corresponde ao período da modernidade (...) Contudo, o leão, o negador, precisa tornar-se ainda criança para aprender a dizer um novo sim e amém à vida (...) A criança é o espírito criador que joga com a inocência (...) A criança representa o movimento do amor a si mesmo, do amor fati, pois para ela tudo que acontece serve para o seu crescimento e realização, não existe o sentimento de culpa, o medo, o ódio, a vingança contra a vida, isto é, os sentimentos reativos e negativos, ela é pura afirmação" (2002, p.115-116).

## 1. Sobre as Três Transmutações do Espírito em *Assim Falou Zaratustra*

O discurso, intitulado "As três transmutações", pode ser visualizado como uma espécie de introdução da primeira parte da obra *Assim Falou Zaratustra*, de Nietzsche, como forma de enfatizar que a caminhada, o processo de formação do Zaratustra (personagem central) e até mesmo o desenvolvimento da própria obra se dão por alterações, transformações, não são algo constituído demarcadamente em finitude. Ao contrário, Zaratustra toma seu aprendizado de maneira processual e experimental. Possivelmente, isso nos leva a entender que a formação perpassa muito mais por uma autocondução do que pela espera que se faz muitas vezes por outrem. Nesse sentido, a sua perspectiva formativa não é dirigida, porque ele fala e dialoga a partir de si mesmo, e faz o convite corajoso, a partir de sua trajetória, para cada um encontrar a sua própria verdade, que não é dada, nem determinada, mas construída.

"As três transmutações" identificam que o homem deve procurar transportar, transformar o seu espírito, levando-o à afirmação, à criação, à superação. Esse tipo de movimento requer uma vontade ativa, que delimita na personagem uma espécie de necessidade para efetivar sua tarefa de desenvolvimento. Zaratustra quer se experimentar, pois não aspira estar em equilíbrio, quer estar sempre em desequilíbrio, e este é um dos aspectos em que se pode dizer que "Zaratustra antes de tudo é um educador que deseja sentir e experimentar transformações"<sup>66</sup>, longe das formações resistentes, que adoram certezas e verdades. Ele almeja o caos, pois entende que somente dessa forma pode descobrir e descortinar um corpo rico e capaz de saber mover-se diante dos desafios do mundo e da vida. Ele quer afirmar que sempre se volta para novas forças, novos comandos, tendo como risco a terra como escritura de criação. Mas isso está no aberto, na cena trágica do movimento. Pode-se dizer que "Das três transmutações do espírito" lança uma perspectiva educativa, pois o indivíduo é convidado a fazer todo um trabalho de significação e formação da vida e de si mesmo, ou seja, criar e recriar a si mesmo. É com essa intenção que a seção é estudada. Não é a aceitação, a repetição, a carga do "sim" resignado que pode criar, que pode fazer o exercício criador das idéias e de novos valores. Somente o indivíduo

<sup>66</sup> Esta questão é abordada no texto de Laurence Lampert. "Zarathustra and his Disciples", precisamente na página 310.

se vendo como alguém que se transforma, que não está fixado, é capaz de exercer o seu querer, pode fazer de si mesmo uma bela singularidade. Zaratustra retrata toda uma imagem pedagógica, neste item que não pode ser negado. Portanto, “Das três transmutações” perpassa pela configuração da criação.

Ouçamos Zaratustra: “como o espírito se torna camelo, o camelo em kiao, e o leão, por fim, em criança”<sup>60</sup>. Aqui, pode-se dizer que esse trabalho de querer a transmutação, de querer *tomar-se*, quer, acima de tudo, afirmar uma certa alegria da destruição, o “não” que se converte em afirmação; com a negação, Zaratustra quer efetivar a possibilidade do querer.

O espírito do negativo, o camelo, que se camufla de uma certa afirmação, de uma certa positividade, nada mais é que o pesadume, que tudo suporta, que tudo carrega, ele é a obediência, é capaz de suportar todos os pesos, levando tudo para o deserto, pois deseja descarregar. O camelo representa o asno, o espírito da negatividade, ele se alimenta da reatividade, do niilismo, querendo escamotear o peso através de uma linguagem da resistência, mas tudo isso representa o rosto do homem cansado, sem força e vontade. Ele representa aquele modo tradicional da cultura dualista, que impõe, como moral cristã, que tudo deve ser suportado, carregado. É preciso sofrer, padecer para ter o paraíso, é preciso aceitar tudo que nos impõem como valores, sem se questionar, sem se fazer pergunta, sem dúvidas. Isso tudo é uma falsa afirmação, ela não cria, mas apenas conserva. Até que para o camelo a vida se torna um deserto, dando realmente um “sim” a todo peso. A formação do camelo é renúncia de si e da passividade perante a vida, sem ser criador, pois se nega a isso, é apenas um reproduzidor, portanto, não altera, não cria, não se liberta, jamais poderá se emancipar. Sendo assim, por exemplo, uma pedagogia que se inspirasse na perspectiva do camelo jamais poderia permitir que o indivíduo fosse um criador, pois seus mecanismos de formação teriam como pressupostos a reprodução, a conservação. E isso não permite que o homem se desenvolva. Nietzsche não quer uma educação que conserve, mas que seja produtora, que eleve cada vez mais o homem para perto da nobreza, da criação. Cito Zaratustra:

*Muito de pesado há para o espírito, para o espírito forte, que suporta carga, em que reside o espírito: pelo pesado e pelo pesadíssimo reclama sua força.*

<sup>60</sup> ZuZA, I “Das três transmutações”

*O que é pesado? assim pergunta o espírito de carga, e se ajoelha igual ao camelo, e quer ser bem carregado.*

*O que é pesadíssimo, ó heróis? assim pergunta o espírito de carga, para que eu tome sobre mim e me alegre de minha força.*

*Não é isto: humilhar-se, para ter de magoar o próprio orgulho? Deixar brilhar a própria loucura, para zombar de sua própria sabedoria?*

*(...)*

*Todo esse pesadíssimo o espírito de carga toma sobre si: igual ao camelo, que carregado corre para o deserto com sua carga, assim ele corre para o seu deserto<sup>20</sup>.*

O camelo, mesmo indo descarregar no deserto, que representa o lugar do pesado, mas que pode também ser visto como o lugar onde o espírito sente outras perspectivas, lá ele se transmuta, torna-se leão, e vai enfrentar o dragão, o que representa a autoridade externa. O leão, ao contrário do camelo, não aceita o comando externo, o "eu devo", e faz um grande "não", declara a sua liberdade, "eu quero" é a sua atitude. O leão quer rejeitar todos os pesos, a obediência, a subordinação, ele deseja se mover na liberdade, e esta desafia a criação, mas também desafia a autonomia. Esse tipo formativo já se permite transitar, ter voz, exercer comando, não se entrega de forma resignada, há dentro de si paixão, um certo querer. Esse esforço e esse reconhecimento remetem à crítica de todos os valores morais, consagrando em um sagrado "não". Contudo, o leão ainda não é capaz de criar, permanecendo ainda na negatividade, não nihilista, mas sagrada: denuncia o peso, a carga, e tende a despertar a liberdade. Mesmo sem poder ainda criar, quer sair da crucial negatividade e dizer "sim" aos seus próprios valores. Zaratustra se apresenta nesta parte do seu aprendizado, ainda sendo incapaz de criar. Cito-o:

*Mas no mais solitário deserto ocorre a segunda transmutação: em leão se torna aqui o espírito, liberdade quer conquistar, e ser senhor de seu próprio deserto.*

*Seu último senhor ele procura aqui: quer tornar-se inimigo dele e de seu último deus, pela vitória quer lutar com o grande dragão.*

*Qual é o grande dragão, a que o espírito não quer mais chamar de senhor e deus? "Tu deves" se chama o grande dragão. Mas o espírito de leão diz "eu quero" (1999, p.214).*

<sup>20</sup> ZaZA. I. "Das três transmutações".

O dragão também pode ser entendido como uma metáfora dos valores, das regras e das morais impostas, tudo aquilo que deseja sucumbir e que quer. Ele representa os valores milenares, pois “Todo o valor criado, e todo valor criado – sou eu. Em verdade, não deve haver mais nenhum ‘tu quero’!. Assim fala o dragão” (1999, p.214). Sendo, ainda assim, o leão o espírito de “liberdade de” e, por outro lado, incapaz de criar, “Um novo valores – disso nem mesmo o leão ainda é capaz: mas criar liberdade para nova criação – disso é capaz a potência do leão” (1999, p.211). O leão teve a força e a coragem para derrotar o “tu deves”, a motivação externa, e declara “eu quero”, mas o leão ainda pontua uma liberdade negativa. Pode-se ver o grande esforço com que Zarathustra mostra o que seja realmente se conduzir para além das normas impostas, o trabalho de si é duro, requer despreendimento, briga com a própria formação, com valores que foram se impondo como verdades milenares, requer uma luta consigo mesmo e contra o seu próprio tempo. É dessa forma que ele se coloca, brigando ainda com tudo que não favorece o crescimento.

Há uma outra transmutação, o leão se tornar criança<sup>12</sup>, que representa a inocência, o esquecimento, um começar sempre de novo, um retornar ao jogo criativo, ela é o sagrado “dizer sim”, aqui pode-se dizer que Zarathustra retoma o jogo Heracлитiano do vir-a-ser. Essa última transmutação é vista sob o olhar de um novo começo e pode ser muito bem representada tanto pela inocência quanto pelo esquecimento<sup>13</sup>, ambas características relevantes para a criação, para uma nova afirmação, para a perspectiva de uma nova superação. É com a simbolização da criança que se pode dizer que o espírito deseja o sim da vida. Contudo, a inocência da criança não reflete o ressentimento, a dor, mas a alegria criativa, lúdica, de querer fazer sempre outras afirmações, representa o experimento para tornar-se o que se é, no jogo móvel para o aprendizado de Zarathustra. Nessas três transmutações, ao finalizar com o último estágio, representado pela figura da criança, mostra o tipo afirmativo e

<sup>12</sup> Claramente pode-se ver a influência de Heráclito sobre Nietzsche. No fragmento 52, diz Heráclito: “O tempo é uma criança que brinca, movendo as pedras do jogo para lá e para cá; governo de criança”. Mais adiante, no frag. 72, “(Dizia que as opiniões dos homens são) jogos de crianças”, e no frag. 117 “O homem criança timbeia e se deixa conduzir por uma criança, sem saber para onde vai; pois tímida está a sua alma” (Barnheime, 1997, p.38/40/43).

<sup>13</sup> Sobre o esquecimento, Nietzsche tratara no seu ensaio *Sobre a utilidade e o prejuízo de la História para a vida* e o retoma posteriormente no livro *Para a Genealogia da Moral*.

criador. A sua formação encaminha-se para a produção de uma vida que sempre se cria afirmativamente.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, vê-se que o conceito de inocência refere-se à "qualidade de quem é incapaz de praticar o mal; estado daquele que não é culpado de uma determinada falta ou crime, (...) ignorância". Da mesma forma, diz Joan Stambaugh (1985, p.170) que o conceito comum de inocência remete ao não conhecimento, à falta de experiência, alguém sem culpa, uma certa ignorância. Portanto, o conceito comum liga-se à falta de um tipo de conhecimento, experiência ou culpa. Entretanto, para Nietzsche, a inocência está ligada ao sentido da criação, ao desejo que o criador tem de não permanecer o mesmo, pois a própria vida quer a superação, assim ele a entende. Então Joan Stambaugh (1985, p.176) diz que este estereótipo de inocência citado acima não pode ser vinculado ao pensamento de Nietzsche, ele fala da inocência *de tornar-se*.

O seu texto intitulado *Sobre a utilidade e a desvantagem da História para a vida* já remete a essa questão. Nas três transmutações, como se vê, a inocência está ligada à criança, como sendo o estágio fundamental para que a criação seja manifestada. Isso é interessante, porque o homem que sabe dizer o grande "sim" à vida, que sabe aceitar a grande afirmação, por exemplo, do retorno do mesmo, não pode ser um tipo ressentido, culpado, mas um tipo afirmativo e criador, que manifesta sua força vital através da grande inocência do criar. Portanto, o último estágio posto nas três transmutações é importante para o entendimento do percurso da obra e para a interpretação do que está sendo desenvolvido. É isso não pode ser visto secundariamente.

O texto de sua juventude, citado anteriormente, no aforismo § 1, retrata a característica de um homem que não pode ficar amarrado ao passado, se ressentindo por aquilo que não pode ser mais modificado, não consegue aceitar o que "foi assim". Nesse texto, Nietzsche compara o homem com o animal. O homem tem inveja do animal, porque este ignora o que foi ontem e o que é hoje: ele repousa, ruminava e volta, liga-se ao seu prazer, à sua dor, ao impulso do próprio instante, sem nenhuma melancolia e saciedade. Segundo Nietzsche, é duro para o homem ver isso, porque ao mesmo tempo em que se orgulha logo de sua humanidade, ao se comparar ao animal, sente inveja dele, porque não sabe viver dessa forma. O homem também se orgulha de não saber esquecer, vive permanentemente ligado ao passado, mas inveja o animal, que esquece, que vê o instante morrer. O animal vive uma vida

ção histórica, absorvendo-se completamente no momento presente, enquanto que o homem quer defender-se do peso do passado que o persegue como um fardo, daí sua inveja. Posteriormente, há uma fala sobre a criança, a qual, não tendo qualquer passado para ser recusado, envolve-se no gozo prazeroso do jogo lúdico, brinca entre as barreiras do passado e do presente. Assim, convida o homem a exercer sua faculdade do esquecimento, pois jamais saberá o que é felicidade se não souber se colocar no limiar do instante, esquecendo todos os acontecimentos passados. Nietzsche convoca a grande necessidade de enfrentar a vertigem, o medo, e se permitir à bela criação. É fundamental, diz ele, nesse mesmo texto, que se esqueça o passado sob pena de o homem não se tornar o coveiro do presente. Mas somente aqueles que sabem exercer a força plástica, curativa, a força para saber cicatrizar feridas e dores, podem integrar-se ao instante<sup>75</sup>. Remetendo a metáforas da medicina, é útil lembrar que o homem, para efetivar sua constituição, deve agir no sentido de permitir a si mesmo um cuidado. Para isso, deve perceber que sua existência deve ser tratada, melhorada, refinada e impor para si uma força plástica curadora.

Joan Stambaugh diz que criança e inocência são conceitos inseparáveis no pensamento de Nietzsche, pois *tornar-se é tornar-se criança*, no sentido mais forte do jogo artístico criador, sem meta ou propósito final, mas sabendo usar a vida artisticamente, sabendo dizer “sim” à vida, inclusive, em seus aspectos mais trágicos. A inocência não assume uma visão teológica para Nietzsche, mas está envolvida com a ideia de criação, pois a criança é inocentemente criadora. A criança é totalidade, não é dividida ou ambivalente: essa imagem é importante no texto de Nietzsche, porque, sabendo usar o esquecer, ela apresenta uma imagem do “sim” criador e não ao grande peso do passado, vivendo o momento sem pensar no depois. Nela não há preocupações com um futuro, sua relação perde-se no presente, é para Nietzsche a marca da atividade criativa. Contudo, se para a criança tal exercício é natural, para o artista deve haver um grande trabalho de disciplina e prática. É para se recuperar tal qualidade da criança que se deve recuperar a inocência e a criatividade (Stambaugh, 1985, p.175-176), ou mesmo a necessidade apontada por Zaratustra de educar a vontade em relação ao passado.

Esses estágios representam a autonomia do indivíduo diante dos pesos conferidos pelo pensamento idealista. A figura da criança ilustra a ca-

<sup>75</sup> HL/Co. Est. II, § 1

pacidade da afirmação criadora e ativa de Zaratustra, pois ele mesmo é um afirmador. A criança não se liga à conservação nem apenas à destruição, mas à afirmação pura, gerando, enquanto brinca, novas interpretações, novas aberturas vitais. Uma perspectiva educativa a partir do experimento criador da criança não quer ser reprodução, imposição, regatamento, determinação, fixidade, certeza, mais afirmativa, que respeite acima de tudo o processo de superação, liberdade e avanço do indivíduo sobre si mesmo. Não cabe à criança projetar, realizar, dar forma, mas, criar. Então a criança mostra a possibilidade de um tipo de formação que viabilize o porvir, o vir-a-ser, a mudança, a liberdade, mostrando que o processo de formação não tem garantias fechadas e determinadas, mas é apenas uma promessa de formação, que o homem deve querer estar sempre realizando, exercitando. A criança alimenta um estágio de formação que caminha por uma liberdade sem certezas, por uma formação que se interliga pela dimensão do trágico da vida. Com isso, o processo formativo se torna mais rico e muito mais complexo para que o homem caminhe além do que ele pode tomar-se o que se é. Nesse sentido, conclui-se que, nesses três estágios, pode-se dizer que a imagem da criança demonstra a liberdade do espírito criador, sendo altamente pedagógica no sentido de levar o indivíduo a exercitar o experimento criativo em si mesmo. Uma pedagogia criadora é aquela que possibilita ao homem emancipar-se. Criando, ele afirma outros campos de compreensão de mundo e vida, destruindo, se permite lançar-se novamente para outra criação, para *tornar-se o que se é*. Nesse jogo artístico criador e afirmador, o indivíduo se permite a dar outros sentidos a sua existência, superando cada vez mais a si mesmo, elevando-se.

#### BIBLIOGRAFIA

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud y Nietzsche*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- HOUMISS, Antônio & VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAMPERT, Laurence. Zaratustra and his disciples. *Nietzsche-Studien*, band. 12, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)

NIETZSCHE, Friedrich W. *Sobre la utilidad y los perjuicios de la Historia para la vida*. Trad. Dionisio Garzón. Madrid: Edaf, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assí habló Zaratustra: Um livro para todos y para nadie*. Introdução, tradução y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

RAMACCIOTTI, Bárbara Maria Lucchesi. *Nietzsche: A fisiologia experimental ou como filosofar com o corpo para tornar-se o que se é*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2002.

STAMBAUGH, Joan. Thoughts on the innocence of becoming. *Nietzsche-Studien*, ban 14, 1985.